



Relendo Bakhtin: autoria, escrita e discursividade

Simone de Jesus Padilha¹

RESUMO: Este trabalho pretende discutir, a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin e dos outros membros do Círculo, o conceito de *autoria* em articulação com os tópicos discurso/*discursividade* para a compreensão do processo de escrita. Para tanto, acreditamos que os pensadores russos possam nos dar algumas contribuições para que (re) pensemos o processo de produção escrita e a questão da autoria ali envolvida, dentro de uma perspectiva que leve em conta a concepção de linguagem como *interação social*. Aliam-se a esta questão outros conceitos, como o de exotopia, cronotopo e compreensão ativa.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria, escrita, discursividade

Rereading Bakhtin: Authorship, writing and discursivity

ABSTRACT: This article will discuss, based on the contributions of Mikhail Bakhtin and the other members of the Circle, the concept of authorship in connection with the notion of discourse/discursivity for understanding the writing process. To this end, we believe that Russian thinkers can give us some contributions to (re)think the process of writing production and the question of authorship there involved, in a perspective that takes into account the concept of language as social interaction. Other concepts, such as exotopia, chronotope and responsibility, enter into an alliance with this matter.

KEYWORDS: Authorship, writing, discursivity



Pode-se dizer que por autor o Círculo designa não somente o autor de obras, literárias ou não, mas também o autor de enunciados, o que se justifica se pensarmos que, embora reconhecendo a especificidade dos discursos aos quais se costuma atribuir um autor, o Círculo considera os atos de discurso parte do conjunto dos atos humanos em geral – e todo agente de um ato humano é, nesse sentido, “autor” de seus atos. (SOBRAL, 2009, p.61)

Gostaria, primeiramente, de agradecer a oportunidade de estar aqui com gente de todo o mundo trocando ideias sobre algumas ideias de Bakhtin, e podendo apresentar nossa compreensão-resposta de hoje, que é fruto de inúmeras reflexões que tenho feito com meu grupo de pesquisa no Brasil, que denominamos carinhosamente por REBAK, sigla que significa “Relendo Bakhtin”.

Por muito tempo, fiquei imaginando como seria esta minha apresentação, aqui, em Bertinoro². Falar sobre autoria, discursividade e escrita tendo Bakhtin como parceiro desta fala me pareceu um empreendimento bastante desafiador. Trata-se, de certa maneira, de tomar “objetos já (...) falados, controvertidos, esclarecidos e julgados de diversas maneiras”, como bem afirma o próprio Bakhtin em “Os gêneros do discurso” (1952-1953). Mas, longe de se negar que nenhuma fala é adâmica, penso que poderemos contribuir para o debate que envolve, por um lado, categorias bakhtinianas e, por outro, questões pedagógicas concernentes ao ensino-aprendizagem da escrita.

O ato de escrever faz parte de nosso dia a dia – como professores e pesquisadores, pois precisamos ler e corrigir dissertações e teses, precisamos escrever pareceres e artigos científicos, temos de elaborar material didático e lidar com os diversos gêneros que compõem as esferas escolar e acadêmica, entre outras tarefas burocráticas que, da mesma forma, envolvem a escrita. Com maior ou menor dificuldade, lidamos com a escrita diariamente, seja na posição de produtores, seja como leitores, mas esta relação com a escrita é, tecnicamente, uma relação diretamente profissional. Fora deste âmbito, quando usamos a escrita?? Quando usamos a escrita estritamente como produtores, na vida?? (Não que o tempo gasto profissionalmente não seja parte da vida, geralmente é apenas o tempo todo de nossa vida!)

Quando coloco estas questões, estou imaginando a nossa geração e uma geração anterior, mas e as gerações seguintes? Quando usam a escrita os adolescentes da idade de meu filho, por exemplo, quem tem

¹ Este trabalho foi apresentado em julho de 2011, na “XIV BAKHTIN CONFERENCE”, no Centro Universitário Residencial em Bertinoro, Itália.



18 anos e já cresceu usuário das novas tecnologias, da comunicação mediada por computador? Para estas novas gerações, a escrita, geralmente, é apresentada via teclado de computador e tela, e não via lápis e papel, como foi em nossa geração.

Parece que temos aqui *cronotopos* diferentes e relações distintas com a escrita, nas quais a presença das novas tecnologias de informação e comunicação é determinante. Teríamos, portanto, diferentes construções ou configurações de autoria? Deixemos esta questão no ar, por alguns momentos e falemos um pouco mais sobre autoria, na visão bakhtiniana.

Autoria e discursividade em Bakhtin

Nos escritos do Círculo, entrevemos uma noção de autoria que é ampla, que não se confunde, por exemplo, com a função-autor foucaultiana, mas está sendo compreendida como uma *autoria* que se propõe e se constrói no movimento interlocutivo, na relação alteritária. Como tal, pode ser compreendida para além da esfera literária, pois, em nossa linguagem do dia a dia, podemos nos ver também, no processo interacional, como autores, autores-criadores em ato (ação) e reatualização da linguagem.

Este raciocínio baseia-se, em parte, no movimento do texto de 1926, assinado por Voloshinov, e intitulado “Discurso na vida e discurso na arte”, (Discourse in Life and Discourse in Poetry (Concerning Sociological Poetics), em que, para se estudar o discurso literário, o enunciado poético, toma-se o discurso cotidiano, o discurso na vida como ponto de partida. Este movimento é uma das coisas que mais me fascinam no pensamento bakhtiniano, e que aqui nos interessa como estudiosos da linguagem, é justamente a relação que ele estabelece entre vida e arte e que, em outros termos, pode ser pensada entre vida e linguagem. Pode parecer um absurdo pensar, mas é um fato que, em muitas épocas, os estudos sobre linguagem desassociaram dela a vida e com ela, o ser humano. Ou o ser humano, e com ela, a vida.

Tomando o discurso verbal como evento social, Volochinov descreve os componentes do processo interacional e coloca-os como constitutivos essenciais da obra artística:

(...) qualquer locução realmente dita em voz alta ou escrita para uma comunicação inteligível (isto é, qualquer uma exceto palavras depositadas num dicionário) é a expressão e produto da interação social de três participantes: o falante (autor), o interlocutor (leitor) e o tópico (o que ou o quem) da fala (o herói). (VOLOCHINOV, 1926, sp.)



Tendo em mente estes participantes da interação, interessa-nos, sobretudo, o movimento que, ao contrário, parte da noção de autoria no discurso literário e vai (re)pensar a autoria no discurso da vida. Este tópico, com certeza, aparece mais evidentemente no texto “Os gêneros do discurso”, ao se tratar da natureza do enunciado, mais precisamente o que em 1926 ele chama por “enunciado concreto”, ou, de forma ampliada em direção à natureza dialógica da linguagem, para outras traduções, o que pode se referir como “duplo enunciado”. Neste momento, Bakhtin nos conduz para a sua visão do que comumente nos acostumamos a chamar de *discurso*.

Esta palavra é exemplar do que Volochinov conceitua como signo ideológico. Sobre isso, permitam-me um parêntese para contar-lhes um episódio, que é bastante ilustrativo do “peso” das tonalidades dialógicas e da carga ideológica de uma palavra, no caso, “discurso”.

Meu filho cursa faculdade, primeiro ano, em outro estado, longe de casa. Certo dia ele me liga, dizendo que irá fazer uma prova e que precisava de uma ajuda minha. Disse, “pois não, prova de qual matéria?” Ele disse que era algo denominado “oficina de texto”. E o que vocês estudam em oficina de texto, perguntei, produzem textos?? Ele disse que não, que era apenas teoria, que o professor estava ensinando alguns autores como Pecheux, Foucault, Saussure e Bakhtin. Assim, ele precisava de uma ajuda minha, “uma rápida ajuda, sabe, por telefone”. Eu respondi dizendo que seria um pouco difícil, que não conhecia todos a fundo, apenas alguns aspectos e o que eu mais conhecia era Bakhtin. Enfim, falei rapidamente aquilo que era possível, numa linguagem mais simples possível, e fiquei esperando que ele pudesse compreender autores tão complexos em poucos minutos. No outro dia, ele me ligou, todo feliz, dizendo que havia tirado uma boa nota. “Mas como foi a prova?”, perguntei. Ele disse, “ah, a prova foi oral...” “Oral??” “Sim, o professor fez perguntas para cada um, para mim ele me perguntou: O que é discurso?? Eu respondi com outra pergunta: Discurso na visão de qual autor?? Ele ficou maravilhado com minha resposta-pergunta, pois disse: Ah, você sabe, não é?? E me deu nove!! Nem precisei responder afinal, o que era discurso...”

Sem comentar a esperteza e a sorte de meu filho, a questão feita pelo professor de forma tão direta faria qualquer um de nós aqui gaguejar na resposta. Conto isso para ilustrar que há tantos discursos quanto quem os definiu ou nem os definiu, como o próprio Bakhtin. Encontramos aquilo que chamo de “discursividade” espelhada nos conceitos de *enunciado*, de *dialogismo*, de *compreensão ativa*. Alinhados a estas noções, podemos considerar, igualmente, outros importantes conceitos que caracterizam os enunciados e que apontam para o terreno discursivo, como tema, vozes, apreciação valorativa e cronotopo.

A concepção de linguagem como interação e a questão do sentido

Ao se pensar em quaisquer conceitos da obra bakhtiniana, é preciso articulá-los sempre, em qualquer tempo e situação, à *concepção de*



linguagem como interação verbal. E mais do que isso, é preciso bem compreender os fundamentos e conseqüências desta concepção, pois qualquer evento de linguagem é *a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais*. Historicamente em relação à linguística e aos estudos de linguagem, tal visão supera a noção de língua saussureana e qualquer outra que entreveja a língua como um conjunto de materialidades, de abstrações ideais e falantes ideais, sem que a questão do sentido e das construções de efeitos de sentido seja levada em conta.

Penso que, em termos teóricos e aplicados, não tiramos, ainda, todas as conseqüências que a concepção de linguagem como interação verbal pode ensejar. Se definirmos a linguagem como interação verbal, e aceitarmos o fato de que os sentidos se constroem na interação, é preciso repensar as dicotomias: linguagem verbal/ não verbal; oralidade/escrita. Na verdade, em nossas complexas sociedades contemporâneas, interligadas pelas novas tecnologias de informação, tratamos o tempo todo com a escrita, os sentidos que construímos nas interações envolvendo diferentes linguagens sempre, direta ou indiretamente, estarão atrelados à escrita. A superação das dicotomias, das modalidades opositivas, sobretudo, a meu ver, é um projeto a ser colocado em prática tendo em vista essa nova concepção, que ressignifica a própria linguagem.

A questão do sentido é pedra fundamental no pensamento do Círculo, e este constitui o mundo do discurso, e com ele, e só nele, podemos entrever o ideológico. Bem, se os sentidos só se constroem nas interações, então o que me afeta mora no discurso, e não no texto, em seu sentido abstrato, ou como quis Volochinov, na significação. O tema, por sua vez, aponta para a discursividade e, a partir dele, atualiza-se a relação, a inter-relação entre as pessoas. Assim, ao pensarmos em discursividade para o Círculo de Bakhtin, é preciso, como já assinalamos, considerar os “enunciados da *fala da vida e das ações cotidianas*”, ao mesmo tempo como participantes de uma “corrente da comunicação social ininterrupta”, mas também, de forma situada, como configurações verbais e extraverbais (VOLOCHINOV, 1926), processos e produtos:

O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando cortamos o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é uma casca linguística abstrata ou um esquema semântico igualmente abstrato (...) (VOLOCHINOV, 1926, sp.)



E é no espaço discursivo que os enunciados produzidos por mim e pelo outro fazem sentido, é este terreno que dá origem à compreensão ativa, que possibilita “opor a palavra do outro uma contrapalavra” (VOLOCHINOV, 2009 [1929], p. 137).

No processo interacional, para Bakhtin, toda “compreensão é pre-nhe de resposta” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 271), ou seja, cada participante da fala espera uma réplica ativa, “ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução (...)” (idem, p. 272).

Aqui, retornamos à questão da autoria, em que, ao enunciar, o autor (nós, autores da vida cotidiana, mobilizando linguagens) já responde, situadamente, em determinado tempo e espaço, em determinado *cronotopo*, aos outros já-ditos da cadeia da comunicação, e abre possibilidades de respostas ao seu enunciado, para outros dizeres no devir. É o enunciado colocado em movimento, colocado na vida, na dinâmica da comunicação.

Outro conceito nos pode auxiliar a compreender a autoria para Bakhtin é o conceito de exotopia. Se a alteridade é constitutiva da produção de enunciados e, conseqüentemente, de conhecimento, como, por exemplo, na produção desta fala ou do artigo correlato, retomando aquelas considerações iniciais sobre a presença da escrita em nossa vida profissional de pesquisadores e professores, pressupomos que sempre haverá, nestes processos, uma relação dialógica tensa, relativa a réplicas ativas entre eu e outro, entre eu e o Círculo bakhtiniano, entre eu e os comentadores de Bakhtin, entre eu e meus pares, entre eu e meus alunos e orientandos. Participantes do processo interacional, todos nós ocupados lugares sociais, em sua maioria, não simétricos, e pensando além, histórias de vida e de assimilação e construção de conhecimentos diferenciada que produzirão apreciações valorativas diferentes, em diferentes estilos de variados textos em diversos gêneros.

Assim, o movimento exotópico permite ao mesmo tempo evidenciar e relativizar a não coincidência entre sujeitos históricos envolvidos na produção do conhecimento, diria aqui, para este trabalho, e quaisquer outras reflexões correlatas, em relação à produção escrita situada. Nas palavras de Bakhtin:

¹ “*Ser-evento único*”, ou “*evento único do ser*” também são outras expressões usadas por Bakhtin, nesse mesmo texto, para se referir a este tópico.



Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver (...)o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (...) Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2003 [1922-1924], p. 21).

A apreciação valorativa *via forma*

Num dos primeiros manuscritos do autor russo, datado de 1919-1921, e mais tarde intitulado *Para uma Filosofia do Ato*, o jovem Bakhtin, então com 20 e poucos anos, num texto denso, de teor filosófico, já lançava as sementes de seu pensamento, sempre às voltas com as relações entre estética e ética.

Nessa obra inicial, Bakhtin concebe a atividade ética como um ato responsável, no seu processo de “estar se fazendo” num momento único, concreto, de sua realização. Sempre partindo *de* e se endereçando *a* um ser humano, envolvido neste evento³, o ato pode ser entendido como uma ação de qualquer natureza, um pensamento, um enunciado verbalizado ou não, escrito ou não. Ao ato, ao evento único do Ser, Bakhtin alia, numa simultaneidade, num todo indissolúvel, os valores que são mobilizados por meio da relação eu e outro, num tempo e lugares também únicos. Segundo Clark & Holquist (1998),

Bakhtin supõe que cada de nós “não tem alibi na existência”. Nós próprios precisamos ser responsáveis ou respondíveis, por nós mesmos. Cada um de nós ocupa um lugar e um tempo únicos na vida, uma existência que é concebida não como um estado passivo, mas ativamente, como um acontecimento. Eu calibro o tempo e o lugar de minha própria posição, que está sempre mudando, pela existência de outros seres humanos e do mundo natural por meio dos valores que articulo em atos. A ética não se constitui de princípios abstratos, mas é o padrão dos atos reais que executo no acontecimento que é minha vida.



Meu self é aquilo mediante o que semelhante execução responde a outros selves e ao mundo a partir do lugar e do tempo únicos que ocupo na existência (CLARK & HOLQUIST, 1998: 90)

Neste trecho de Clark e Holquist, é fácil perceber o peso das categorias, ainda seminais nos escritos do jovem Bakhtin, e que vão nortear todo o seu pensamento nas obras posteriores: a relação eu-outro, que compreendemos aqui como uma síntese ainda da inter-relação complexa autor-herói-ouvinte; as categorias espaço-tempo que são circunscritas, por fim, pelo termo *cronotopo*, e aliado às anteriores, e de primaz importância, o relevo dado ao componente *axiológico*, ou seja, à *atitude valorativa* (do eu, do falante, do autor, etc.) em relação a um objeto.

Neste estudo, precisamente, que visa articular autoria, escrita e discursividade, a atitude ou apreciação valorativa vem a ser um elemento importantíssimo – o elemento axiológico, no processo interacional. Ao produzirmos enunciados, para Bakhtin, sempre estarão envolvidas e serão determinantes, neste processo, as apreciações valorativas que temos sobre o nosso interlocutor, sobre aquilo que pensamos que nosso interlocutor tem sobre nós, sobre o objeto de nossa fala, sobre a situação de enunciação. Tais avaliações, para o Círculo, encontram expressão não no conteúdo, mas na forma:

(...) todos os elementos do estilo de uma obra poética estão também impregnados da atitude avaliativa do autor com relação ao conteúdo e expressam sua posição social básica. Frisemos uma vez mais que aqui não nos referimos àquelas avaliações ideológicas que estão incorporadas no conteúdo de uma obra na forma de julgamentos ou conclusões, mas àquela espécie mais entranhada, mais profunda de avaliação via forma que encontra expressão na própria maneira pela qual o material artístico é visto e disposto. (VOLOSHINOV, 1926, sp.)

Cabe aqui relatar mais um pequeno episódio. Na época de uma das qualificações de meu trabalho de doutoramento, uma professora da banca disse que eu usava muito a palavra “óbvio” e seu correlato “obviamente”. Ela dizia que este uso, constante em meus escritos, não era nada salutar, não porque eu os repetia em demasia, mas porque, na verdade, não havia nada de óbvio em meu trabalho. Eu nem havia me dado conta do uso dos meus óbvios.

Isto é um exemplo de como uma avaliação sobre um conteúdo é expressa *via forma*, conforme a explicação do Círculo. O que nos ajuda, ainda, a compreender a noção de *estilo*, para Bakhtin, que aponta para o fato de que a relação de um autor com a vida, ou seja, a nossa relação



com a vida e nossas apreciações sobre diferentes elementos, pessoas e objetos são transparentes via forma, via escrita – muitas e muitas vezes, sem que nos demos conta disso.

A questão pedagógica: refletindo sobre a produção escrita

Reunindo estes conceitos, e reconhecendo aqui uma ligeira releitura, podemos ampliar nossas reflexões para a questão pedagógica. Podemos pensar, em primeiro lugar, como, em termos de produção de textos escritos, no ensino-aprendizagem, o processo interacional aluno-professor; aluno-aluno se desenvolve e se consolida em diversas práticas genéricas?

Como, via forma, o aluno-autor revela sua relação com a sua língua, e suas apreciações sobre o mundo que o cerca? Como revela, ainda, sua valoração sobre a atividade que realiza, sobre a própria escrita, sobre a situação de ensino-aprendizagem, sobre a disciplina que estuda? Para além da situação imediata, como, ainda, através dos usos linguísticos, sua escrita revela sua história de vida, seu “eu” em contínua constituição, seu “eu-autor” em construção, já que “todo fator da forma é um produto da interação social”?

Estas questões abarcam, acredito, múltiplas considerações sobre as variedades de linguagem, as variantes sociais e regionais e, sobre, ainda, como, *pela forma*, podemos chegar a constatações de posicionamentos ideológicos, através das variadas réplicas e compreensões ativas direcionadas ao professor, frente à proposição de exercícios de produção textual.

Por conta destas múltiplas relações, que são marcadas valorativamente, e que geram diversas combinações e possibilidades enunciativas e, simultaneamente, diferentes formas composicionais, pensamos que estas reflexões possam contribuir para o debate sobre a necessidade de renovação da didática de ensino-aprendizagem de produção textual, especialmente da produção escrita.

Tendo em vista a nossa época, marcada pela presença das novas tecnologias, e o acesso dos alunos ao mundo virtual, a escrita parece ocupar um novos e diferentes espaços no dia a dia de nossos jovens – ou seja, já não se trata mais de uma obrigação escolar, escreve-se muito fora da escola para usar a língua viva em situações reais de comunicação.

Dessa maneira, a relação do aluno com a escrita deixa de ser meramente escolar, pois se participa, dia a dia e ativamente de uma necessidade comunicativa, ou seja, é preciso usar a escrita para falar com o outro numa conversa em tempo real, é preciso a escrita para mandar um *scrap* no *Facebook*, é preciso enviar uma mensagem no *twitter* pelo celular, é preciso mandar um SMS.



As novas formas, contudo, vão surgindo e precisam mesmo surgir, já que se mobilizam elementos linguísticos a partir de situações diferentes do convencional, outro tipo de relação com o outro se estabelece, a virtual – que é rápida, de curta duração, com finalidades precisas e características próprias. A apreciação sobre com que eu falo também determina estas formas, o *internetês* usado por meu filho com os amigos não é o mesmo que ele usa comigo, aliás, ele não usa comigo, pois sua apreciação do tipo que linguagem que eu possa compreender é bem diferente. O surgimento da linguagem da internet é um exemplo cabal do domínio do falante sobre sua própria língua, da sua *compreensão ativa e criadora* sobre a situação comunicativa específica que se impõe. Entrevemos, num grande tempo, um cronotopo que permite que a língua se curve diante de seus usuários.

Pensando, com Bakhtin, nesse “Grande Tempo”, na “corrente ininterrupta da comunicação verbal”, a relação das novas gerações com a escrita é bem diferente da nossa relação, ontem e hoje. Por conseguinte, temos, também diferentes “configurações” de autoria, e diferentes compreensões sobre esta autoria. Compreendemos que cada aluno pode ser visto com um ser que produz linguagem, que lê e escreve, que responde ativamente aos outros também *fora* do espaço escolar. Portanto, temos alunos-autores em várias situações *da vida*, mas parece que a escola ainda prefere estar “fora” da vida.

Por outro lado, preservada pela tradição e pelo senso comum, a concepção de escrita compartilhada socialmente ainda valoriza, na relação entre o autor e o interlocutor constitutivo do processo de criação, entre o autor e os “heróis” (tópicos) possíveis e passíveis de objetivação, os modelos de “boa escrita”, as questões normativas impostas pela língua, as correções ortográficas, entre outros elementos da materialidade linguística, e não da discursividade.

Se pudermos pensar que, ao produzir seu texto, o aluno é ali, naquele espaço-tempo específico, um autor-criador, que está em posição de compreensão responsiva, a enunciados anteriores, que tem um interlocutor em mente no processo, que tem uma apreciação valorativa sobre este interlocutor, sobre o tópico (o que ou o quem da fala), e que o professor participa exotopicamente deste movimento, talvez pudéssemos pensar num caminho menos doloroso de intervenção no processo de ensino-aprendizagem da criação e refacção de textos.



Referências

BAKHTIN, M. M. (1919-1921). **Toward a Philosophy of the Act**. Austin, University of Texas Press, 1993. Versão para o português com o título, **Para uma Filosofia do Ato**, para uso didático e acadêmico, com tradução provisória de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, *mimeo*.

_____. (1922-1924). O autor e o herói. In M. Bakhtin. (1979) **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 23-220.

_____. (1952/1953). Os gêneros do discurso. In M. Bakhtin. (1979) **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277- 326.

CLARK, K. & HOLQUIST, M. (1998) **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva.

VOLOCHINOV, V. N (1926) **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Circulação restrita, Mimeo.

_____. (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

Recebido em 22/11/2010

Aceito em 03/03/2011

Simone de Jesus Padilha é doutora em Linguística Aplicada e docente do Curso de Graduação e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, do Instituto de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso.